

A escolaridade e a variação de concordância verbal na língua usada por menores carentes de Maceió

The schooling and the variation of verbal agreement in the language used by socio-financial unprivileged children of Maceió

Renata Livia de Araújo Santos*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal observar o comportamento variável da concordância verbal na língua usada por menores carentes de entidades filantrópicas de Maceió e refletir sobre o papel da variável escolaridade diante dessa variação. Procuramos alcançar, à luz da Sociolinguística Variacionista, de Labov (2008 [1972]), os seguintes objetivos: (i) verificar qual é a variante mais usada na escrita da comunidade de fala em estudo; (ii) verificar quais as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam essa variação; e (iii) verificar se há mais semelhanças ou diferenças no uso dessa variação entre os dados de fala e os de escrita dessa comunidade. Para observar o comportamento variável da concordância verbal, fizemos uso de um *corpus* constituído por produções escritas por dezesseis colaboradores, resultado do trabalho de doutorado de Santos (2013). Já para refletir sobre a influência da variável social escolaridade nessa variação, encontrada tanto na fala quanto na escrita da comunidade de fala, iremos partir dos resultados obtidos por esse trabalho e pelo trabalho de mestrado de Santos (2010), constituído por dados orais. A análise dos dados foi realizada através do programa computacional GoldvarbX. Ao realizarmos o presente estudo, verificamos que (i) a variante mais usada é [-conc]; (ii) a variação em estudo é motivada pelos grupos de fatores: escolaridade, distância entre sujeito e verbo, natureza do sujeito e paralelismo formal; e que (iii) há mais semelhanças do que diferenças no uso dessa variação entre os dados de fala e os de escrita.

ABSTRACT: This paper aims at checking variable traits on the verb-subject agreement in the language used by socio-financial unprivileged children of philanthropic organizations of Maceió and at discussing the role of the variable level of schooling in face of this variation. By adopting Labov's (2008 [1972]) Variationist Sociolinguistics framework, we aim at achieving the following objectives: (i) to see what the variant used in the writing of the community in focus is; (ii) to check which the linguistic and extra-linguistic variables conditioning that variation are; and (iii) to check if there are similarities or differences in the use of this variation between the speech data and the writing data from this community. The variable verbal agreement was observed in a *corpus* constituted by compositions written by sixteen children, collected for the author's PhD research (SANTOS, 2013). As for the variable schooling, which have an effect on the variation found both in written and spoken data from this speech community, it will be analyzed through a comparison between the written data and the oral data collected previously for the author's Master research (SANTOS, 2010). The analysis of the data was carried out from the Goldvarb X computer program. The results show that (i) the variant most used is [-agreement]; (ii) the attested variation is motivated by the following group of factors: formal schooling, distance between subject and verb, nature of the subject and formal parallelism; and (iii) there are more similarities than differences between the speech data and the writing data from this community.

* Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) / Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística.
Concordância verbal. Escolaridade.

KEYWORDS: Linguistic variation. Verbal
agreement. Formal schooling.

1. Introdução

A diversidade linguística vem despertando bastante interesse dentre os estudos linguísticos. A vertente linguística que se preocupa em dar conta do aparente “caos linguístico” provocado pela variação linguística é a Sociolinguística, mais especificamente a Sociolinguística Variacionista, que tem William Labov (2008 [1972]) como seu principal representante. Essa vertente linguística procura compreender o comportamento linguístico variável, descrevendo e analisando o real funcionamento da língua. Diferentemente do saber comum, que vê a fala como a forma desestruturada e heterogênea e a escrita como a forma estruturada e homogênea, para a Sociolinguística Variacionista a heterogeneidade linguística está presente não só na língua falada, mas também na escrita da língua. Essa vertente linguística, portanto, acredita que o sistema linguístico é intrinsecamente heterogêneo e socialmente determinado ao correlacionarmos a língua a influências de fatores estruturais e sociais.

Estudos sobre a variação de concordância verbal (CV) são uma das investigações que mais vem sendo desenvolvida. Esses estudos (VIEIRA, 1995 E 2007; SCHERRE, 2005; ARAÚJO, 2014; entre outros) vêm demonstrando que a regra de CV não é uniforme, ao contrário, é uma regra variável, em que os usuários da língua têm a possibilidade de ora realizarem o processo de CV usando as marcas de CV, forma considerada padrão de acordo com a GT, ora não usando essas marcas, forma considerada não-padrão. Essa alternância entre as variantes presença e ausência de marcas de concordância vai ser motivada pelas características sociais dos usuários da língua, tomados em coletividade, e pelos aspectos estruturais da própria língua.

No processo de CV do português brasileiro (PB), a estrutura analisada é a que se dá entre o sujeito e o verbo, característica que não é exclusiva dessa variedade da língua. Esse processo implica a flexão das formas verbais “de modo a coaduná-las com o número e a pessoa do sujeito a que corresponde na cadeia oracional ou na superfície textual” (RODRIGUES, 1997, p. 31). Entretanto, o fato de tanto o sujeito quanto o verbo possuírem marcas de número e de pessoa acaba tornando possível algumas realizações:

1. *Nós **vivemos***¹*bem.*²
2. Vivemos bem.
3. *Nós **vive*** bem.

De acordo com estudos sociolinguísticos, esse processo não implica necessariamente que todas as marcas de concordância estejam presentes para que de fato esse processo funcione. Verificamos que em (a.) a marca de primeira pessoa do plural se encontra tanto no sujeito, através do pronome *nós*, quanto no verbo, através da terminação *-mos* (vivemos). Já em (c.), essa marca aparece apenas no sujeito (pronome *nós*). E em (b.) o sujeito não está preenchido, mas mesmo assim podemos identificá-lo.

Na verdade, os sociolinguistas que investigam a variação de CV consideram que o fato de tanto o sujeito quanto o verbo possuírem marcas de número e de pessoa acaba tornando esse processo redundante, haja vista que a identificação do sujeito pode ser feita até mesmo quando a posição desse sujeito não está preenchida. A redundância está, portanto, no fato de mencionarmos a primeira pessoa do plural duas vezes. Essa característica, que não é exclusiva do PB, de ter vários elementos, numa sentença, que permitem a marcação da CV, sendo que a flexão em apenas um deles já seria o suficiente para garantir a realização da CV, acaba tornando essa característica uma regra intrinsecamente variável. Além disso, precisamos pontuar que “a vernaculidade brasileira é muito bem expressa por meio da não realização das marcas de número nas formas verbais” (ARAÚJO, 2014, p. 177), isto é, a não marcação de CV é, além de usual, funcional.

Contudo, a ausência de marcas de concordância, ou seja, a ausência da flexão verbal com mesmo número e pessoa do sujeito, é considerada pela gramática tradicional (GT) como uma forma desprestigiada e, portanto, estigmatizada, tanto quando ocorre na língua oral quanto na escrita. Esse pensamento proliferado é responsável por tornar a ausência de CV um dos traços linguísticos do PB muito estigmatizados socialmente. A escola, por utilizar essa gramática como único referencial ou o mais importante, no processo de ensino-aprendizagem do PB, acaba proliferando o preconceito linguístico e silenciando a voz do aluno, tendo em vista que ele traz para a escola um uso linguístico muitas vezes bem distante daquilo que essa gramática e, conseqüentemente, a instituição escolar esperam que o aluno aprenda.

¹ Neste trabalho, os elementos em *itálico* correspondem ao sujeito e os que estão em **negrito** ao verbo e, assim, temos a estrutura analisada neste trabalho (sujeito mais verbo).

² Os exemplos de (a.) a (c.) foram construídos para ilustração. Os demais exemplos, numerados, apresentados nesta pesquisa são trechos retirados do nosso *corpus*.

Dentre os estudos que analisam a variação de CV, destaca-se a influência de uma variável, de ordem social, a escolaridade. Essas pesquisas apontam que essa variável social é extremamente importante para o uso da variação de CV. O que se vem percebendo é que quanto maior o nível escolar do falante, maior a tendência dele usar regras padrões de CV, conseqüentemente quanto menor esse nível escolar, menor essa tendência.

Tendo em vista o exposto, este trabalho tem como objetivo principal observar o comportamento variável da CV na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió e refletir sobre o papel da variável escolaridade diante dessa variação, partindo da hipótese geral de que há variação entre ausência e presença de marcas de CV e de que esse comportamento é fortemente condicionado pela referida variável social. Para atingirmos esses dois objetivos gerais, fizemos uso de dois *corpora*. Um desses *corpora* é constituído por produções escritas por dezesseis colaboradores, fruto do trabalho de doutorado de Santos (2013), com o qual iremos realizar a observação do comportamento variável da CV. Para refletirmos sobre a influência da variável social escolaridade na variação de CV, apresentada na fala e na escrita da comunidade de fala, iremos partir da comparação do referido *corpus* e de um *corpus* constituído por dados orais, resultado do trabalho de mestrado de Santos (2010).

Assim, procuramos alcançar, à luz da Sociolinguística Variacionista, de William Labov (2008 [1972]), os seguintes objetivos: (i) verificar qual é a variante mais usada na escrita de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas na cidade de Maceió; (ii) verificar, através da observação do controle das variáveis linguísticas e extralinguísticas: distância entre sujeito e verbo, natureza do sujeito, paralelismo formal da sequência verbal, grau de formalidade, escolaridade, faixa etária e tempo de permanência na instituição filantrópica, se há grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa variação, identificando os fatores que condicionam a ausência e a presença de marcas de CV; e (iii) verificar se há mais semelhanças ou diferenças no uso da variação de CV entre os dados de fala e de escrita dessa comunidade.

Para alcançarmos esses objetivos, o presente artigo está estruturado da seguinte forma: 2. Objeto de estudo; 3. Passos metodológicos e caracterização dos dados; 4. Análise dos dados; 5. Variável escolaridade na fala e na escrita de menores carentes.

2. Objeto de estudo

Na concepção de língua conforme a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008 [1972]) assume-se que ela é um sistema heterogêneo socialmente determinado, cuja variação estrutural está relacionada às alterações das normas culturais e ideológicas de uma comunidade de fala, grupo de pessoas que compartilham normas linguísticas. O sistema linguístico é caracterizado “por sua heterogeneidade estruturada, e é funcionalmente diferenciado dentro da comunidade de fala” (LUCCHESI, 2004, p. 175). Logo, “a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade (é social)” (COAN; FREITAG, 2010, p. 175).

O objeto de estudo da pesquisa sociolinguística é, portanto, a variação linguística. O seu campo de investigação são as comunidades de fala. Logo, o trabalho do sociolinguista é observar o uso da variação em uma determinada comunidade, estabelecendo a relação entre esse uso e os fatores linguísticos e sociais que o desencadeiam. A comunidade de fala da presente pesquisa é formada por menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió e nosso objeto de estudo é a variação de CV, encontrada na escrita dessa comunidade.

A abordagem da CV pela GT é feita através de uma grande quantidade de regras, que procuram padronizar a realização da CV, sendo que várias delas não são aplicadas ao uso espontâneo da língua. A GT só reconhece o processo de concordância quando todas as marcas envolvidas nesse processo se encontram presentes. Conforme mencionamos anteriormente, tal posicionamento apresenta problemas, uma vez que, para que ocorra o processo de concordância, é necessária apenas a presença de uma marca de CV. Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos variacionistas vêm demonstrando que a regra de CV é uma regra variável por si só e que essa variabilidade ainda é motivada pela influência de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Moura (2007, p. 20) assume “que a concordância verbal pode ser considerada uma regra variável, mesmo em se tratando da norma culta da língua”. Bechara (2004, p. 544) também destaca essa flexibilidade: “é preciso estar atento à liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece”. Porém, fica clara a diferença entre as duas falas, em que Bechara faz a ressalva a fim de que se tenha cuidado com essa liberdade para “não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo”, enquanto Moura procura destacar a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada de maneira adequada nas escolas, segundo os pressupostos sociolinguísticos.

Como já dissemos, as pesquisas sociolinguísticas variacionistas evidenciam um uso da língua que varia de acordo com fatores internos e externos ao sistema linguístico. Veremos abaixo as principais variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas como significativas para a variação de CV, para que possamos ter uma visão melhor acerca dessa variação. É preciso dizer que abordamos esses fatores procurando destacar a importância deles para o uso variável da CV na língua falada e/ou na escrita.

2.1 Variável posição do sujeito em relação ao verbo

Sabemos que o PB é uma língua de ordem estrutural 'Sujeito-Verbo-Objeto' (SVO), mas que permite a ordem VS, apesar desta ser pouco usada. A variável 'posição do sujeito em relação ao verbo' vem sendo apontada por várias pesquisas como uma variável importante para o uso da variação de CV.

Nos dados de Costa (1994, p. 319), podemos ver que “a posição do sujeito parece decisiva no controle da variabilidade da concordância verbal”. Percebemos ainda em seus dados que nas estruturas em que o sujeito se encontra posposto ao verbo ocorre com mais frequência casos de [-conc], exemplo: “...ela tinha que... que... *ficava as duas coisas* na cabeça e tudo... [...]” (COSTA, 1994, p. 317). Vale destacarmos que o *corpus* dessa pesquisa é constituído por cem textos produzidos por colaboradores de diferentes níveis de escolaridade.

Rodrigues (1997) estudou o português falado em Rio Branco (Acre) por pessoas pertencentes à classe social de baixa renda, observando a variação de CV com sujeitos de terceira pessoa do plural, e percebeu a importância da variável posicional para o estudo da referida variação, concluindo que o processo de CV de acordo com a norma padrão é muito frequente se o sujeito estiver posicionado antes do verbo.

O trabalho de Silva (2008) dedicou-se ao estudo da variação de CV em textos escritos. O *corpus* desse estudo é constituído por redações escolares de alunos da oitava série e do ensino médio. A pesquisadora observou que nas redações, independente da escolaridade, o sujeito anteposto e próximo ao verbo é a condição preferida para a CV. “Em apenas 3% desse contexto (6 ocorrências em 207), as formas usadas não seguiram o padrão formal, como, por exemplo, em ‘um deles não *foram*’” (SILVA, 2008, p. 36).

No trabalho de Santos (2010), em que se observou a variação de [+conc] e [-conc] na língua falada, foram obtidas 631 ocorrências com sujeito pré-verbal e apenas 76 ocorrências

com sujeito pós-verbal. “Quando o sujeito aparece depois do verbo, a probabilidade do falante usar a variante não-padrão em vez da padrão é bem maior (.33)” (SANTOS, 2010, p. 107).

Os estudos sociolinguísticos, de uma forma geral, vêm mostrando que o sujeito, quando aparece antes do verbo, favorece a variante [+conc]. Por outro lado, quando o sujeito vem posposto ao verbo, favorece a variante [-conc].

2.2 Variável distância entre sujeito e verbo

A variável ‘distância entre sujeito e verbo’ também vem sendo apontada pelas pesquisas como condicionante decisiva para a variação entre [+conc] e [-conc].

Essa variável é bastante analisada pelas pesquisas sobre variação de CV na língua falada, pois, de certa forma, é comum empregar o sujeito separado do seu verbo, isto é, com um ou mais elementos separando o sujeito do verbo. Esse distanciamento acaba estimulando ainda mais a variação no uso das marcas de CV, pois como é comum ao ato de fala, o falante nem sempre tem a oportunidade de recuperar sua fala para adequá-la à norma padrão. Já na escrita, mesmo o sujeito estando longe, temos a possibilidade de analisar o que está escrito até então e verificar o sujeito, procurando fazer o verbo concordar com esse sujeito de acordo com a norma padrão de CV. De qualquer forma, os trabalhos sobre produções escritas podem analisar essa variável a fim de observar se mesmo com essa especificidade da escrita, em que se esperaria um número bem menor de casos de [-conc], há um número significativo de casos de variação.

Pudemos observar em Santos (2010) que a distância entre sujeito e verbo foi considerada uma variável significativa. Quando há distância, maior o uso de [-conc] (.29), quando não há, maior o uso de [+conc] (.60). A pesquisa de Graciosa (1991), que investiga a CV na fala culta carioca, mostrou que os sintagmas nominais mais distantes do verbo inibem a concordância, enquanto que, quando há “proximidade linear entre SN e SV³ há maior garantia de a regra se aplicar” (GRACIOSA, 1991, p. 69). A saber: [SN afastado] “É verdade que *essas duas horas* que eu dou hoje em dia no Instituto de Química **requer** muito tempo de estudo e *os portugueses* **conhecem** como sopa de entulho” [SN próximo] (GRACIOSA, 1991, p. 69, grifo nosso).

O trabalho de Santos (1999) sobre a CV na fala de alunos de 1^a à 5^a série do Ensino Fundamental da cidade de Maceió constatou que o uso de marcas de CV tende a ocorrer mais quando existe material entre o sujeito e o verbo, ou seja, quando há distância entre ambos (.43

³ As siglas SN e SV significam, respectivamente, sintagma nominal e sintagma verbal.

e .68 de peso relativo para o não uso de marcas de CV e para o uso dessas marcas, respectivamente).

2.3 Variável natureza do sujeito

A variável ‘natureza do sujeito’ é bastante estudada nas pesquisas sobre a CV, sejam elas relacionadas ao estudo sobre a fala ou sobre a escrita. Os sintagmas pronominais e nominais com valor de primeira e terceira pessoas do plural parecem chamar mais a atenção desses estudos. Assim, a marcação ou não de plural é algumas vezes relacionada à influência da saliência fônica.

Scherre, Naro e Cardoso (2007, p. 283), no conjunto global dos dados da pesquisa que realizaram, observam que “a única característica específica do verbo que influencia a concordância verbal é a saliência fônica da oposição singular/plural”. Eles ainda vão além, afirmando que, como característica intrínseca ao verbo, nada mais parece ser relevante na análise dos dados da referida pesquisa e acrescentam que o tipo de verbo não foi significativo, revelando-se sem efeito sobre a concordância.

Scherre e Naro (1998) compararam os resultados obtidos nos dados de sua amostra com os obtidos por Naro (1981) e perceberam que, apesar dos dados deste se referirem a dados de analfabetos e os deles se referirem a dados de falantes com 1 a 11 anos de escolarização, esses resultados são semelhantes. Contudo, Scherre e Naro (1998, p. 511) observaram que “os resultados da análise de Naro (1981) evidenciam uma amplitude de variação maior, apresentando uma separação mais nítida entre as diversas categorias de cada um dos níveis”.

2.4 Variável escolaridade

A variável extralinguística ‘escolaridade’ sempre despertou interesse nos sociolinguistas, que procuram verificar de que maneira essa variável se correlaciona com os fatores linguísticos e qual a limitação dessa correlação.

Tendo em vista que a escola incute padrões e normas linguísticas, estéticas e morais, podemos dizer que a influência dessa variável é correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (VOTRE, 2003), revelando-se, assim, importante para os estudos sociolinguísticos.

Não há como negar que existe uma influência dos padrões de correção impostos pela gramática [tradicional] sobre as restrições de combinação dos elementos linguísticos, que tende a crescer à medida que aumenta o nível de escolaridade do falante ou o grau de formalidade exigido pelo contexto de uso (MARTELOTTA, 2008, p. 46-47).

Um dos resultados alcançados pela pesquisa de Vieira (1994, p. 326) é a conclusão de que

nos segmentos da população brasileira que gozam dos direitos da cidadania e possuem um grau de escolaridade elevado, o estigma que recai sobre a ausência da regra de concordância inibe tendências latentes de simplificação na estrutura morfossintática da língua. Já entre os segmentos da base da pirâmide social, observa-se um quadro amplo de variação cuja origem estaria no processo de transmissão linguística irregular.

A variável ‘escolaridade’, também chamada de ‘escolarização’, é estudada tanto por pesquisas que observam a variável CV na língua falada quanto na escrita. Tais estudos são importantes para analisarmos a atuação das escolas quanto ao papel regulador do que é aceitável ou inapropriado no uso da língua para os diversos fins comunicativos.

Pedrosa e Hora (2000, p. 10), ao realizarem uma pesquisa que se propõe a observar a ordem sujeito-verbo na comunidade de João Pessoa, chegam à conclusão de que “mesmo discretamente, os colaboradores com nenhum ano de escolarização favorecem a ordem VS” e, como já vimos, essa ordem parece influenciar a variante [-conc]. Dessa forma, podemos dizer que esses colaboradores tendem a usar a forma não-padrão de CV.

Em seu trabalho, Rodrigues (1997) obteve como resultado de pesquisa que a escolarização no nível mais alto, no caso as últimas séries do primeiro grau, foi um dos fatores responsáveis por aumentar as chances da variante padrão ser processada.

O trabalho de dissertação de Santos (2010) apontou que a variável escolaridade exerce importante influência na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, “já que à medida que o nível de escolaridade desses falantes vai aumentando, cresce também o uso de formas que são trabalhadas nas escolas e vistas como as formas “corretas” e de “prestígio social” (SANTOS, 2010, p. 115).

Há muitas outras variáveis tanto de ordem linguística como de ordem extralinguística que vêm sendo apontadas como significativas para o uso da variação de CV, contudo, por questões de espaço, nos limitamos às apresentadas, para que o leitor possa perceber a correlação das variáveis com o uso linguístico.

3. Passos metodológicos e caracterização dos dados

Como dito anteriormente, este trabalho se propõe a alcançar dois objetivos gerais: observar o comportamento variável da CV na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió e refletir sobre o papel da variável escolaridade diante dessa variação, que ocorre tanto na fala quanto na escrita.

Para atingirmos o primeiro objetivo citado, fizemos uso de um *corpus* constituído por produções escritas por dezesseis colaboradores, fruto do trabalho de doutorado de Santos (2013). A amostra utilizada por essa pesquisa é constituída por quarenta e oito produções escritas. Trabalhamos com textos informais, semiformais e formais, representados, respectivamente, por carta pessoal, textos do tipo narrativo e dissertativo. Essas produções foram coletadas no ano de dois mil e treze e tinham como temas assuntos do cotidiano da comunidade em estudo. Foram selecionados dezesseis colaboradores, estratificados de acordo com as variáveis sociais estabelecidas para o presente estudo. O envelope de variação constituiu-se de cento e sessenta e nove construções que apresentam ou não marcas de CV. Após a etapa da coleta e da categorização dos dados, foi feito uso do programa computacional GoldvarbX (SANKOFF et al, 2005) para a quantificação dos dados.

Para podermos alcançar o segundo objetivo geral citado, partimos da comparação entre o referido *corpus* e um *corpus* constituído por dados orais, resultado do trabalho de mestrado de Santos (2010). A amostra constituída por essa pesquisa é de dezesseis entrevistas e dezesseis narrativas orais, cujos tópicos consistem em perguntas sobre o cotidiano da comunidade em estudo, que é a mesma comunidade do referido *corpus* de dados de escrita. Foram entrevistados dezesseis colaboradores e o tempo de duração de cada gravação, que corresponde à realização de uma entrevista mais uma narrativa, foi de, no máximo, sete minutos.

Temos a morfossintaxe de concordância entre sujeito e verbo, mais especificamente, a variação entre presença de marcas de CV ([+conc]) e ausência de marcas de CV ([-conc]) como variável em estudo. Vamos tratar, portanto, de dados como os apresentados abaixo.

[+conc]

- 1) paixão é uma coisa linda que *nós* **sentimos** (...) (L2SUX)⁴
- 2) *Todas as coisas que você construir no passado* **irão** refletir no futuro (L11SUX)
- 3) *nóis* **gostamos** mermo é de jogá de bola (...) (L1EXC)
- 4) *ele e a mulhé dele* me **visitam** mais (L5EYI)

⁴ Os exemplos 1, 2, 5 e 6 foram retirados do *corpus* de dados de escrita. Já os exemplos 3, 4, 7 e 8 são dados orais.

[-conc]

5) *nois falou* um poco do meu tio e na minha mãe (L8SUX)

6) *as pessoas* sempri se **apaixona** e depois se **ama** de verdade (L7SUX)

7) hoje *nóis vai* fazê bandeinha - pintá cortá (...) (L1EXC)

8) *eu e as otra* que também **ficô** com dô (L3EYI)

Para o estudo da alteração de uso entre essas duas variantes, verbos no infinitivo, gerúndio e particípio não foram analisados, porém os verbos no infinitivo que, segundo a norma padrão da GT devem ser flexionados, foram levados em consideração. Foram excluídos também da análise os sujeitos no singular, já que estes levam naturalmente ao uso da forma padrão, e casos em que a relação de concordância é estabelecida entre o verbo e o predicativo (ou outro termo), uma vez que a concordância analisada aqui é aquela que ocorre na estrutura sujeito-verbo.

A variante [-conc] é caracterizada quando o verbo e o sujeito não apresentam todas as marcas de concordância número-pessoal, como podemos ver nos exemplos de 5 a 8, logo a variante [+conc] é caracterizada por ser constituída por sujeitos e verbos que apresentam todas essas marcas (confira os exemplos de 1 a 4). Quando o sujeito não está expresso, levamos em consideração o contexto linguístico. Quando esse contexto linguístico não pode ser recuperado, assumimos que o sujeito nulo (quando a posição do sujeito não está preenchida) está em concordância com seu verbo. Nos casos de sintagmas nominais constituídos de determinante, assumiremos que é o determinante que desencadeia a CV, isto é, a concordância deve ser feita entre o determinante e o verbo. Quando o sintagma nominal não apresentar determinante, o elemento desencadeador de CV é o núcleo do sintagma sujeito.

4. Análise dos dados⁵

A partir do pressuposto de que o uso da CV na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió corresponde a um comportamento variável sistemático quando correlacionado a variáveis linguísticas e extralinguísticas, analisamos 169 sentenças que apresentam ou não marcas de CV, a fim de observamos esse comportamento, como apresentado no gráfico 1.

⁵ É importante destacarmos que, para este artigo, destinamos um espaço maior para a análise quantitativa, importante etapa na descrição da variabilidade linguística à luz da Sociolinguística. Uma análise linguística mais aprofundada será feita em oportunidades futuras.

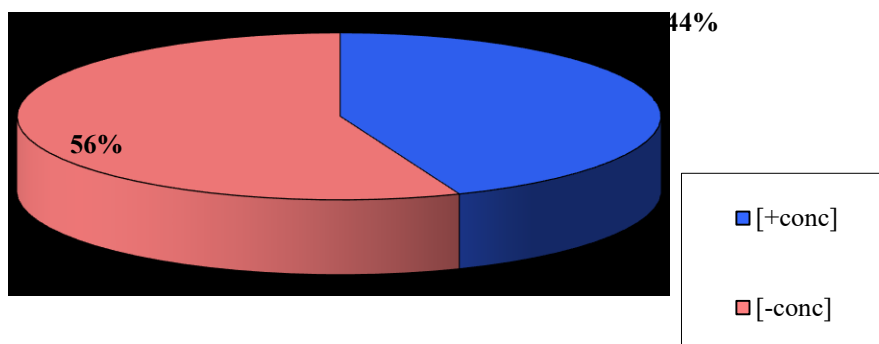


Gráfico 1. Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] na escrita de menores carentes da cidade de Maceió.

Esses dados numéricos revelam-se significativos, uma vez que comprovam que a comunidade de fala em investigação, em seus textos escritos, ora usam sentenças com presença de marcas de CV – 44%, ora realizam sentenças com ausência de marcas de CV – 56%, corroborando os resultados de várias pesquisas sociolinguísticas já realizadas.

Procuramos, assim, compreender melhor o uso dessa variável, presente na escrita da comunidade em estudo, identificando os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem essa variação. As variáveis selecionadas pelo programa computacional GoldvarbX como estatisticamente significativas para a variação entre [+conc] e [-conc] foram:

- 1) Escolaridade
- 2) Distância entre sujeito e verbo
- 3) Natureza do sujeito
- 4) Paralelismo formal

As tabelas apresentadas abaixo nos fornecem o peso relativo a partir da aplicação da variante [+conc] nas variáveis independentes (grupos de fatores).

4.1 Escolaridade

A variável *escolaridade* foi a primeira a ser selecionada pelo GoldvarbX como variável estatisticamente relevante para o uso da variação entre [+conc] e [-conc]. Os fatores trabalhados nessa variável foram *início do ciclo do ensino fundamental e fim desse ciclo*.

As hipóteses que levantamos para esses fatores, tendo em vista os trabalhos sociolinguísticos já realizados sobre variação de CV, foram de que os colaboradores que estão no início do ciclo do ensino fundamental usam mais a variante considerada não-padrão ([-conc]), em oposição aos que estão no fim do estágio intermediário do ensino escolar, que usariam mais a variante padrão ([+conc]).

Tabela 1. Peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na variável *escolaridade*.

<i>Escolaridade</i>	[+conc] Peso relativo
Início do EF⁶	.34
Fim do EF	.83

Analisando especificamente a aplicação da variante padrão sobre a variável ‘escolaridade’, podemos pontuar que o fator *fim do ciclo do ensino fundamental* condiciona significativamente o uso da regra de CV, enquanto o fator *início desse ciclo* condiciona mais o não uso de regras de CV, apresentando, respectivamente, pesos relativos de .83 e .34.

Esses resultados nos permitem ratificar a hipótese de que o ensino escolar reflete significativamente no uso da variação de CV, em que aqueles que estão no início de escolarização tendem a usar mais a variante de não-prestígio e aqueles que estão no fim da escolarização tendem a usar mais a variante de prestígio.

Observando o *corpus* de dados escritos, devemos destacar que são os colaboradores com maior grau de escolaridade que produzem textos mais coerentes, apesar do nível de qualidade de todos os textos, independente da escolaridade, ser bastante baixo. São vários e de diversas ordens os problemas encontrados neles quanto ao uso das marcas de CV, isto demonstra que o papel da escola na vida dos menores carentes que vivem em entidades filantrópicas é precário e que é necessária maior qualidade de ensino para que se obtenha uma melhor aprendizagem. Por outro lado, são os colaboradores com maior grau de escolaridade que mais usam o pronome

⁶ A sigla EF quer dizer ensino fundamental.

'nós', sintagmas verbais em sequências maiores e elementos entre sujeito e verbo em suas produções escritas.

Pontuamos, portanto, que, apesar da variável escolaridade ser apontada como um fator que exerce influência significativa sobre a variação de CV na escrita da comunidade em estudo, uma vez que quanto mais se avança a escolaridade, mais se usa a variante de prestígio, o resultado total obtido ainda foi maior para a variante de menos prestígio. Contudo, o resultado obtido pela variável escolaridade não deixa de ser representativo e leva-nos a ter boas expectativas quanto ao ensino escolar do PB.

4.2 Distância entre sujeito e verbo

Os fatores selecionados para verificarmos o efeito da variável *Distância entre sujeito e verbo*, que foi a segunda variável no total e a primeira variável de ordem linguística a ser selecionada pelo GoldvarbX, foram *sujeito próximo ao verbo* e *sujeito separado do verbo*.

Para verificarmos esse efeito, partimos da hipótese de que quando o sujeito está próximo ao verbo, haverá mais casos de [+conc] e que quando o sujeito está separado do verbo, haverá mais casos de [-conc].

Tabela 2. Peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na variável *distância entre sujeito e verbo*.

<i>Distância entre sujeito e verbo</i>	[+conc] Peso relativo
Sujeito próximo ao verbo	.65
Sujeito separado do verbo	.24

O fator *sujeito próximo ao verbo* obteve um peso relativo de .65, levando a mais casos de [+conc], já o fator *sujeito separado do verbo* apresentou peso relativo de .24, indicando uma influência significativa sobre a variante [-conc]. Desse modo, as hipóteses levantadas previamente foram confirmadas pelos resultados probabilísticos.

Os elementos linguísticos mais presentes entre a estrutura sujeito-verbo foram o pronome relativo 'que', os pronomes reflexivos 'se' e 'nos', os advérbios 'já' e 'não', sendo o

pronome 'que' o elemento que mais foi usado. O contexto linguístico que parece mais interferir nessa relação, levando a um uso de [-conc], são os pronomes 'que', 'se' e 'nos'. Vale ressaltarmos que a comunidade de fala em análise usa, de forma geral, uma quantidade pequena de elementos entre o sujeito e o verbo. Assim, é preferível o uso de nenhum ou apenas um elemento.

4.3 Natureza do sujeito

A variável *natureza do sujeito* foi a terceira variável no total a ser selecionada pelo GoldvarbX. Os fatores trabalhados nessa variável foram três: *expressão 'a gente'*⁷, *1ª pessoa do plural*, *pronomes no plural* e *nomes no plural*. Esses fatores foram selecionados a fim de observarmos se o fator *expressão 'a gente'* condiciona mais a [+conc] e se os fatores *1ª pessoa do plural*, *pronomes no plural* e *nomes no plural* condicionam mais a [-conc], identificando qual desses dois fatores exercem maior influência sobre a [-conc]. Os resultados obtidos apresentaram-se da seguinte forma:

Tabela 3. Peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na variável *natureza do sujeito*.

<i>Natureza do sujeito</i>	<i>do</i>	[+conc] Peso relativo
Expressão gente	a	.70
1ª pessoa plural	do	.60
Pronomes plural	no	.28
Nomes no plural		.33

Conforme podemos observar na tabela acima, o fator que leva mais ao uso da regra padrão é a *expressão 'a gente'* (.70), seguido pelo fator *1ª pessoa do plural* (.60). Por outro

⁷ A expressão 'a gente' pode ser considerada como um pronome que apresenta semanticamente o valor de 1ª pessoa do plural, contudo, para estabelecer a concordância verbal, levamos em consideração o seu valor morfológico, pronome de 3ª pessoa do singular. Assim, frases como 'A gente vai' foram consideradas como um caso de [+conc] e frases como 'A gente vamos', como de [-conc].

lado, o fator *pronomes no plural* leva mais ao uso da regra não-padrão (.28), seguido pelo fator *nomes no plural* (.33).

Observando o referido *corpus*, podemos dizer que sujeitos na 1ª pessoa do plural levam a uma variação constante entre [+conc] e [-conc], sujeitos no plural levam mais a verbos no singular e sujeitos no singular levam mais a verbos no singular, mesmo quando esse sujeito é formado pela expressão ‘a gente’, que possui traços semânticos de pluralidade. Já o pronome ‘nós’ é usado com maior frequência pelos colaboradores de maior escolaridade, indicando certa eficácia do ensino escolar.

4.4 Paralelismo formal da sequência verbal

A variável **paralelismo formal da sequência verbal** foi a quarta e última variável considerada significativa para o uso da variação entre [+conc] e [-conc] pelo GoldvarbX. Os fatores selecionados para verificarmos o efeito dessa variável sobre a referida variação foram *sintagma verbal isolado* e *sintagma verbal em sequência*.

O que pretendemos verificar com essa variável é se a hipótese de que o *sintagma verbal isolado* é o fator responsável pelo uso com mais frequência da variante [+conc] e se o *sintagma verbal em sequência* é o fator responsável pelo uso com mais frequência da variante [-conc].

Tabela 4. Peso relativo obtido através da aplicação da variante [+conc] na variável *paralelismo formal da sequência verbal*.

<i>Paralelismo formal da sequência verbal</i>		[+conc] <u>Peso relativo</u>
Ausência	de	.60
Presença	de	.38

A probabilidade revelada pelo peso relativo nos mostra que nossas hipóteses puderam ser ratificadas, haja vista que o dado probabilístico para o fator *sintagma verbal isolado* foi (.60), levando mais ao uso de [+conc], e esse dado para o fator *sintagma verbal em sequência* foi (.38), apontando para um uso maior de [-conc].

Observando o *corpus*, verificamos que a natureza do sujeito do *sintagma verbal isolado* era tanto nominal quanto pronominal. Da mesma forma ocorreu com o sujeito que inicia a série de sequência verbal (1ª referência), porém, nesse caso, as formas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’ foram, de modo geral, as mais usadas.

Nos casos de *sintagma verbal em sequência*, observamos que há uma probabilidade maior de uso do sujeito não preenchido após a 1ª referência, o que de certa forma, é esperado, haja vista que esse sintagma no referido *corpus*, em sua maioria, é constituído por uma oração coordenada. Observamos também uma variação das formas verbais entre primeira pessoa do plural e primeira pessoa do singular quando o sujeito que inicia a série da sequência verbal se apresenta na forma pronominal ‘a gente’. O mesmo ocorreu pouco quando esse sujeito estava na forma pronominal ‘nós’.

As variáveis selecionadas pelo programa computacional GoldvarbX como estatisticamente não-significativas para a variação entre [+conc] e [-conc] foram apenas de ordem social, a *faixa etária* e o *tempo de permanência na instituição filantrópica*. Acreditamos que a apresentação dos resultados dessas variáveis, mesmo sendo considerados como não influentes na variação em análise, faz-se importante, haja vista que esses resultados também contribuem para uma melhor compreensão da maneira como a CV se comporta na escrita da comunidade de estudo. Contudo, por questões de espaço, não as apresentaremos aqui.

5. A variável escolaridade na fala e na escrita de menores carentes

Conforme Motta (1979, p. 49), “a sanção social tem contribuído, certamente, para a manutenção das regras de concordância”. A escolarização e a sanção social estão fortemente correlacionadas, uma vez que se pode obter esta não necessariamente através do aumento do nível escolar e vice-versa.

Mas, ao lado deste fator [sanção social] que atua no sentido de que estas regras se apliquem, muitos outros concorrem para que elas não sejam aplicadas. Quando a pressão social, neste aspecto, é menos sentida, como acontece nos níveis sócio-econômicos mais baixos, ocorre um maior afastamento dessas regras (MOTTA, 1979, p. 49).

Esse “cabo de guerra” impulsiona a variação linguística e torna a variável escolaridade extremamente significativa para estudos que investigam a variação linguística. No caso da comunidade de fala em estudo, essa variável torna-se ainda mais relevante, haja vista que essa

comunidade, caracterizada por uma vida sócio e economicamente problemática, passa por três situações: institucionalização, momento em que a pressão social parece ser menos sentida, e durante e após a institucionalização, momentos em que a pressão social passa a ser mais exercida, haja vista o contato com a escola e os objetivos dos membros das entidades filantrópicas como, por exemplo, o desejo de serem adotados e de se manterem por conta própria após seu desligamento do orfanato.

Outra questão importante é o fato de os colaboradores da pesquisa passarem a frequentar a escola somente a partir do momento em que eles ingressam na entidade filantrópica. Logo, se a criança chegar ao orfanato com dez anos é basicamente com essa idade que ela começará a ter contato com o português chamado padrão, sendo que sabemos que a idade de ingresso das crianças no ensino fundamental é por volta dos seis anos de idade.

Admitindo que as pessoas que tiveram acesso à escolarização são os prováveis usuários das normas cultas do PB (já que mantiveram um maior contato com a norma padrão), é possível afirmar que, no Brasil, ainda existe uma situação sociolinguística bipolarizada, abrangendo o **português culto** e o **português popular** (ARAÚJO, 2014, p. 106).

Nesse sentido, a comunidade de fala em estudo está longe de representar os usuários do português culto. Antes do processo de institucionalização, a comunidade é, sem dúvida, formada por representantes do português popular e, após esse processo, parece-nos que passa a ser representante da camada que impulsiona ainda mais essa bipolarização.

O reconhecimento do trabalho com a ou a partir da variação linguística no ensino do PB vem ganhando certo espaço nas práticas pedagógicas nas escolas brasileiras, entretanto, essa prática ainda não representa um método a ser executado com qualidade. Surge o seguinte dilema: se o objetivo da escola é ensinar o português padrão, como trabalhar com uma prática que reconhece outras variantes além da variante padrão? Talvez o papel da escola seja, mais exatamente, o de criar condições para que esse português seja aprendido (POSSENTI, 2002). Um possível caminho, conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 130), é as escolas, de fato, contribuírem “para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos”. Só que para isto se faz necessário e urgente “uma mudança de posturas da escola e da sociedade em geral. Para tal mudança de postura, todavia, a descrição das regras variáveis é uma etapa preliminar importante” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130). E ainda ressaltamos que “essa questão complexa do ensino versus variação está

ligada a uma situação sócio-linguística que se reveste de uma delicadeza em que muitos fatores estão envolvidos” (CARVALHO, 2005, p. 45).

Feitas essas considerações, passaremos a analisar, em termos quantitativos, a influência da variável social escolaridade, comprovada por estudos variacionistas (BRANDÃO; VIEIRA, 2012) como variável relevante no PB, na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo. Para essa análise, iremos observar os resultados obtidos no trabalho de mestrado de Santos (2010) e de doutorado de Santos (2013).

Na tese de doutorado de Santos (2013), nos dados de escrita, a variável escolaridade foi apresentada pelo GoldvarbX como a variável mais significativa para o uso da variação entre [+conc] e [-conc]. Já na dissertação de mestrado do Santos (2010), na fala, essa variável também foi apontada como uma variável significativa no uso da variação de CV, contudo, ela foi a quinta e última variável selecionada para esse grupo. Essa constatação foi obtida tanto através dos resultados percentuais quanto probabilísticos, conforme podemos observar no gráfico e na tabela comparativos abaixo.

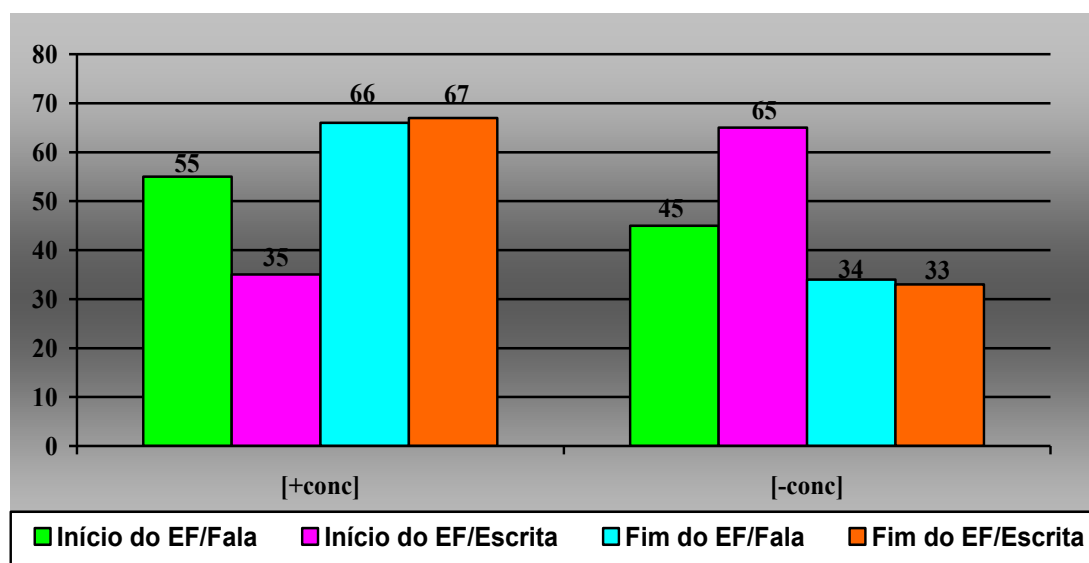


Gráfico 2. Gráfico comparativo com dados percentuais da variação de CV de acordo com a variável escolaridade na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo.

Nos dados percentuais, em que são apresentados os valores para ambos os fatores da variável dependente, o maior uso da variante [+conc] ocorreu tanto na fala quanto na escrita, conforme se esperava, diante do fator ‘fim do ciclo do ensino fundamental (EF)’ e o maior uso da variante [-conc] ocorreu diante do fator ‘início desse ciclo’. Isto é, os colaboradores que

estão concluindo o EF tendem a usar mais a variante padrão, enquanto os que estão iniciando esse ensino tendem a usar mais a variante não-padrão. Como o fator que se demonstrou mais influente para o uso da variante [-conc] foi o ‘início do EF’ nos dados de escrita, podemos concluir que as crianças chegam à escola usando mais a regra não-padrão de CV em seus textos escritos.

Tabela 5. Tabela comparativa com dados probabilísticos da variação de CV de acordo com a variável escolaridade na fala e na escrita da comunidade de fala em estudo.

<i>Escolaridade</i>	<i>Peso relativo</i>
Início do EF/Fala	.41
Início do EF/Escrita	.34
Fim do EF/Fala	.58
Fim do EF/Escrita	.83

Quanto aos dados probabilísticos, o resultado não foi diferente. O peso relativo foi bem maior para o fator ‘fim do ensino fundamental’, o que significa que esse fator exerce um poder de influência relevante sobre a aplicação da regra de CV, sendo que nos dados de escrita, esse fator apresentou ainda mais relevância.

A distância entre os valores do peso relativo, principalmente a distância entre os pesos relacionados ao fator ‘fim do EF’, demonstra certa diferença entre os dados de fala e os dados de escrita. Todavia, ambos os dados nos apontam para um mesmo raciocínio: a escola cumpre, de certo modo, seu papel em ensinar a norma padrão, uma vez que as crianças chegam nessa instituição usando mais a norma não-padrão de CV e passam a usar mais a regra padrão na medida que vão avançando o nível de escolaridade.

5.1 A variável escolaridade e sua relação com demais variáveis

Levando em consideração que foi nos dados de escrita que a variável escolaridade se revelou mais significativa, ficando em primeiro lugar no grupo das variáveis relevantes, para o uso variável da CV, iremos observar essa variável em cruzamento com as demais variáveis selecionadas no trabalho de doutorado de Santos (2013), partindo do pressuposto de que a variável escolaridade é, em termos quantitativos e linguísticos, significativamente determinante para o uso da variação de CV.

Os cruzamentos serão mostrados de acordo com a ordem de significância obtida no trabalho citado acima, das variáveis para o uso da variação de CV, a saber: escolaridade,

natureza do sujeito, distância entre sujeito e verbo e paralelismo formal. Esses cruzamentos serão apresentados através de tabelas, que contêm resultados apresentados em percentagem.

Tabela 6. Cruzamento entre as variáveis escolaridade e distância entre sujeito e verbo.

Escolaridade/Distância entre sujeito e verbo	Variável dependente	Sujeito próximo ao verbo	Sujeito separado do verbo
Início do EF	[+conc]	42%	22%
	[-conc]	58%	48%
Fim do EF	[+conc]	86%	40%
	[-conc]	14%	60%

Na Tabela 6, percebemos que para o fator 'início do EF', obtivemos um percentual maior para a variante [-conc] (58% e 48% para os fatores 'ausência e presença de elementos', respectivamente). Porém, quando observamos o fator 'fim do EF', obtivemos maior uso da variante [+conc] diante do fator 'ausência de elementos' (86%) e um menor uso dessa variante diante do fator 'presença de elementos' (40%). Percebemos, assim, que os falantes com menor nível escolar usam mais a variante não-padrão, já os que possuem maior escolarização oscilam no uso das variantes em análise dependendo da ausência (86% de [+conc]) ou presença (60% de [-conc]) de elementos intervenientes na relação sujeito-verbo.

Tabela 7. Cruzamento entre as variáveis escolaridade e natureza do sujeito.

Escolaridade/Natureza do sujeito	Variável dependente	A gente	1ª do plural	Nomes e pronomes no plural
<i>Início do EF</i>	[+conc]	55%	37%	13%
	[-conc]	45%	63%	87%
<i>Fim do EF</i>	[+conc]	100%	76%	60%
	[-conc]	0%	24%	40%

Observando a Tabela 7, percebemos que os menos escolarizados oscilam no uso das variantes de CV dependendo da natureza do sujeito, sendo o fator 'a gente' o único que leva

mais ao uso da variante [+conc]. Já os colaboradores mais escolarizados tendem a usar mais essa variante, independente da natureza do sujeito, o que demonstra que esses falantes possuem certo domínio da regra considerada padrão de CV.

Devemos dar um destaque especial para o percentual de 100% para a variante [+conc] diante de sujeitos formados pela expressão pronominal 'a gente'. Um dado bastante significativo que revela que a escolarização leva ao maior uso da variante padrão de CV, principalmente quando colocamos em comparação com os colaboradores que estão no início do EF, que alternam bastante no uso da variável dependente (55% de [+conc] contra 45% de [-conc]).

Tabela 8. Cruzamento entre as variáveis escolaridade e paralelismo formal.

Paralelismo formal/Escolaridade	Variável dependente	Ausência de paralelismo	Presença de paralelismo
Início do EF	[+conc]	46%	25%
	[-conc]	54%	75%
Fim do EF	[+conc]	70%	63%
	[-conc]	30%	37%

Analisando a Tabela 8, vemos que o percentual de regra não-padrão de CV para os fatores 'início do EF' e 'fim do EF' foi, respectivamente, 46% e 25%, já o percentual de regra padrão foi 70% e 63%. Esses dados apontam que os falantes menos escolarizados tendem a usar mais a CV não-padrão e os mais escolarizados tendem a usar mais a CV padrão, independente do tipo de paralelismo formal da sequência verbal, confirmando mais uma vez que o nível de escolaridade é determinante no uso dessas regras, cuja forma padrão é obtida com mais frequência a partir do aumento desse nível.

Diante do exposto, fica clara a importância da variável escolaridade diante do uso da variação entre as formas padrão e não-padrão de CV. Na sua maioria, inclusive entre o cruzamento da variável escolaridade com as variáveis apontadas como não-significativas para o uso da variação de CV, constatamos que quanto maior a escolarização, maior a tendência ao uso da regra padrão. Todavia, devemos ressaltar que, apesar desse resultado, temos a consciência de que a instituição escolar ainda apresenta muita deficiência no processo de ensino-aprendizagem da forma padrão do PB. Há muito que se melhorar, especialmente em termos qualitativos.

Reforçamos, por fim, que um trabalho qualitativo relativo à variação linguística pode ser um caminho pertinente para a diminuição das lacunas existentes no trabalho não só com a escrita, mas também com a oralidade no ensino do PB.

6. Considerações

Neste artigo, procuramos observar o comportamento variável da concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió e refletir sobre o papel da variável escolaridade diante dessa variação.

Ao realizarmos o presente estudo, percebemos, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, que, conforme outras pesquisas já apontavam, a variação de CV na escrita dessa comunidade de fala é condicionada por variáveis estruturais e sociais e que uma das variáveis sociais mais motivadoras desse comportamento variável é a ‘escolaridade’.

Obtivemos também como resultados específicos que (i) a variante mais usada foi [-conc]; (ii) a variação em estudo é motivada pelos grupos de fatores: escolaridade, distância entre sujeito e verbo, natureza do sujeito e paralelismo formal, de acordo com a ordem de relevância; e que (iii) apesar dos dados quantitativos de fala e de escrita demonstrarem uma certa diferença entre eles, ambos apontam para um mesmo raciocínio, que a escola cumpre, de certo modo, seu papel em ensinar a norma padrão.

Esperamos, de modo geral, que este trabalho possa contribuir, de alguma forma, para a ampliação do retrato sociolinguístico da CV no PB e possa orientar, de algum modo, professores de português no ensino da CV, contribuindo, mesmo que minimamente, para uma certa melhora nesse ensino.

Referências

ARAÚJO, S. S. F. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro**. 2014. 342f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2014.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do Português. **ALFA**. v. 56, n. 3, p.

1035-1064. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4913/4371>. Acesso em 13 de setembro 2014.

BORTONI-RICARDO, M. S. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005. 258p.

CARVALHO, M. C. M. **Concordância verbal e variação no ensino fundamental e médio.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2005.

COAN, M; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Domínio de Linguagem**. v. 4, nº 2, p. 173-194, 2010. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11618/6863>. Acesso em 29 junho 2010.

COSTA, M. A. As definições de sujeito e seus traços de caracterizadores. O traço de concordância. **Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino**, 1994. Maceió. Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino. Maceió: EDUFAL, 1994. p. 315-320.

GRACIOSA, D. M. D. **Concordância verbal na fala culta carioca.** 1991. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. 381p.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna.** São Paulo: Parábola, 2004. 228p.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 43-70.

MOTTA, E. C. de M. **Escolarização e variação linguística.** 1979. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. MOURA, D. (Org.). **Leitura e escrita: a competência comunicativa.** Maceió: EDUFAL, 2007. p. 11-26.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, v. 57, n. 1, p. 63-98, 1981. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1353/lan.1981.0020>

PEDROSA, J. L. R.; HORA, D. A ordem sujeito/verbo na comunidade de João Pessoa: encaixamento linguístico. **Revista Leitura**, Maceió, n. 25, p. 89-117, 2000.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** São Paulo: Mercado das Letras, 2002. 96p.

RODRIGUES, D. A. **A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco**. 1997. 178f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto do Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

SANKOFF *et al.* **GOLDVARB X: A multivariate analysis application**. 2005. Disponível em: <http://www.projetoaspa.org/cristofaro/pesquisa/goldvarb/manualvarbrul.doc>. Acesso em 3 julho 2009.

SANTOS, R. L. de A. **A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió**. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

_____. **A escolaridade e a concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió**. 2013. 140f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

SANTOS, M. B. **A concordância sujeito-verbo na língua falada por crianças de 1ª à 5ª série da cidade de Maceió-AL**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, v. 23, n. esp., p. 283-317.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Sobre a concordância de número no português falado do Brasil**. 1998. p. 509- 523. Disponível em <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>. Acesso em 9 junho 2009.

SILVA, E. V. Norma, variação e ensino: a concordância verbal. **Caderno de Letras**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 31-41, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo2.pdf>. Acesso em 9 junho 2009.

VIEIRA, S. R. Concordância verbal. VIEIRA, S.; BRANDÃO, S. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Concordância verbal: variação em dialetos populares do norte fluminense**. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

_____. Aspectos da concordância verbal em dialetos populares. **Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino**, 1994. Maceió. Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino. Maceió: EDUFAL, 1994. p. 323-327.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51-57.

Artigo recebido em: 28.07.2015

Artigo aprovado em: 14.12.2015